

Conhecimento e experiência: o contacto entre a Europa e o Japão no contexto da missão enviada a Roma pela Companhia de Jesus (1582-1590)*

PEDRO LAGE REIS CORREIA

Centro Científico e Cultural de Macau
pelarc@gmail.com

Resumo: Partindo de um caso particular (o envio de uma missão de japoneses cristãos à Europa em 1582 com o intuito de apresentar obediência ao Pontífice Romano), este artigo tem como finalidade analisar o contacto entre duas realidades culturais – a europeia e a japonesa – no contexto da presença jesuíta no Japão na segunda metade do século XVI.

Palavras-chave: Missionação, Companhia de Jesus, Japão, Alessandro Valignano.

Abstract: Starting from a particular case (an embassy of Japanese Christians sent to Europe in 1582 with the intention of presenting obedience to the Roman Pontiff), this article aims to analyze the contact between the European and Japanese cultural realities in context of the Jesuit presence in Japan in the second half of the sixteenth century.

Keywords: Missionary, Society of Jesus, Japan, Alessandro Valignano.

* Este texto tem por base um capítulo do meu livro *A Concepção de Missionação na 'Apologia' de Valignano. Estudo sobre a presença jesuíta e franciscana no Japão (1587-1597)*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, I.P., 2008, p. 142-152. O resultado do presente artigo beneficiou do trabalho feito para diversas conferências sobre este tema em Berlim, Lisboa e Roma. Deste modo, fico grato pelas sugestões e conselhos que, nessas ocasiões, me foram dados pelo Professor Luís Filipe Barreto e pela Professora Elisabetta Corsi.

Este artigo tem como finalidade analisar o contacto entre duas realidades culturais: a europeia e a japonesa, no contexto da presença jesuíta no Japão na segunda metade do século XVI. Será tido em consideração um caso particular: o envio de uma missão de japoneses cristãos à Europa em 1582 com o intuito de apresentar obediência ao Pontífice Romano.

Este projeto começa a tomar forma no ano de 1581, quando três *daimyo* cristãos da ilha de Kyushu decidem enviar uma embaixada de dois elementos à Europa¹. O *daimyo* de Bungo, Otomo Sorin, envia o seu sobrinho Mâncio Ito. Arima Harunobu, senhor de Arima, e o seu tio Omura Sumitada, *daimyo* de Omura, enviam Miguel Chijiwa, primo de Arima e sobrinho de Omura. Julião Nakaura e Martinho Hara, dois fidalgos da casa de Omura, acompanham os dois enviados².

Esta missão japonesa sai do Japão em 1582. Após passar por Portugal e Espanha no ano de 1584, chega a Roma em 1585. Os embaixadores iniciam a viagem de regresso em Abril de 1586, quando partem de Lisboa. No ano de 1587 aportam à Índia e, finalmente, em Julho de 1590 reentram no Japão.

No presente texto, serão apresentados alguns aspetos desta missão diplomática. Sobretudo o modo como, no âmbito desta embaixada, a Companhia de Jesus vai definir uma experiência de conhecimento entre a Europa e o Japão.

1. O missionário europeu e o processo de integração no Japão

Associado à preparação desta embaixada, esteve o Visitador Alessandro Valignano, responsável máximo pela Companhia de Jesus na Ásia Oriental³. Efetivamente, a

- 1 Na segunda metade do séc. XV, assiste-se ao declínio do poder central japonês, com a degradação do shogunato Ashikaga. Neste contexto, o poder político fica mitigado por inúmeros senhores regionais (*daimyo*). Entra-se num período denominado 'sengoku jidai' (o país em guerra) caracterizado pelo confronto entre estes chefes militares locais, e que terminará com a ascensão de Oda Nobunaga (1573) e o início do processo de unificação política japonesa. Apesar da consolidação de um poder central com o shogunato Tokugawa (1603-1868), os *daimyo* permanecem como uma importante realidade política e cultural até à Restauração Meiji em 1868. V. J. G. Caiger e R. H. P. Mason, *A History of Japan*, Tóquio/Boston, Tuttle Publishing, 1997; *The Cambridge History of Japan*, 6 vols., John W. Hall, Marius B. Jansen, Madoka Kanai, Denis Twitchett (dir.), Cambridge, Cambridge University Press, 1988-1999; G. B. Sansom, *A History of Japan*, 9ª edição, Boston/Rutland/Vermont/Tóquio, Tuttle Publishing, 2000.
- 2 A atividade missionária cristã desenvolve-se principalmente na ilha de Kyushu, devido à associação da Companhia de Jesus ao comércio luso-asiático no eixo Macau-Nagasaki. É neste contexto que, após a chegada de Francisco Xavier em 1549, os jesuítas começam a consolidar a sua presença em Kyushu. Nos anos 60/70 surgem as primeiras conversões de *daimyo* ao Cristianismo, com o batismo dos *daimyo* de Omura (1563), Arima Yoshisada (1576) e Otomo Yoshishige (1578). Arima Harunobu, *daimyo* de Arima aquando do envio da embaixada, converte-se ao Cristianismo em 1580. V. Adriana Boscaro, *Ventura e Sventura dei Gesuiti in Giappone (1549-1639)*, Veneza, Cafoscarina, 2008; Charles R. Boxer, *The Christian Century in Japan*, 3ª edição, Manchester, Carcanet, 1993; João Paulo Oliveira e Costa, *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaios de História Luso-Nipônica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999; M. Antoni J. Üçerler, "The jesuit enterprise in Japan (1573-1580)" in *The Mercurian Project. Forming Jesuit Culture, 1573-1580*, Thomas McCoog, S.J., (ed.). Roma/St. Louis, Institutum Historicum Societatis Iesu/ The Institute of Jesuit Sources, 2004.
- 3 Alessandro Valignano (1539-1606). Em 1573 é nomeado Visitador das Índias Orientais, sendo o responsável máximo da Companhia de Jesus no espaço asiático. A partir de 1595 exerce este cargo exclusivamente sobre as missões da China e Japão. Sobre a sua vida e obra v. *Alessandro Valignano S.J., uomo del Rinascimento: ponte tra Oriente e Occidente*, Adolfo Tamburello, M. Antoni J. Üçerler,

orientação que vai dar a esta missão diplomática enquadra-se na sua estratégia de consolidação da cristandade japonesa. Desde que chegara ao Japão, em 1579, o Visitador acelerara o processo de integração da Companhia.

A chegada de Valignano ao Oriente, em 1574, impulsiona um aumento do efetivo jesuíta em território japonês. Em 1575, existiam 14 elementos no Japão. No ano seguinte estão já 22 jesuítas no arquipélago nipónico, para passarem para 35 em 1577. Assim, em 1578, ano em que chega a Macau, a missão japonesa conta já com 43 elementos, para no final do primeiro ano de estadia de Valignano, em 1579, serem 55 os jesuítas residentes no Japão: 48 missionários e 7 japoneses. No ano seguinte, o contingente jesuíta chega a 65, para além dos cerca de 100 dógicos japoneses que assistiam os missionários⁴.

Igualmente, o número de conversos japoneses acompanhava o crescimento do efetivo jesuíta. No início da década de 70, Gaspar Vilela, missionário em Myiako (Kyoto) referia que o número de cristãos se devia situar entre os 20.000 e os 30.000, enquanto Francisco Cabral, superior da missão japonesa, afirmava que em 1575/1576 foram batizados pelo menos 50.000 japoneses⁵. Em 1580, Valignano calculava que o número de cristãos japoneses fosse cerca de 100.000 na ilha de Kyushu e na região de Myiaco, para um crescimento de 150.000 em 1582 e 1583, correspondendo a cerca de 200 igrejas no Japão⁶.

Certamente que Valignano se integra numa dinâmica de crescimento, em muito decorrente do trabalho que os missionários vinham fazendo desde a década de 40. A diferença substancial reside no facto de, com o novo Visitador, a missão japonesa passar a ser prioritária para a Companhia de Jesus na Ásia. Isto significa que Valignano, mais do que acompanhar um crescimento conjuntural, vai pensar numa presença estrutural da Companhia.

Na perspetiva do Visitador, sem a incorporação de elementos culturais japoneses, a crescente presença de missionários seria inconsequente, permanecendo o Cristianismo

S.J., Marisa di Russo, (ed.), Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 2008; J. F. Moran, *The Japanese and the Jesuits. Alessandro Valignano in sixteenth-century Japan*. Londres, Routledge, 1993; Josef Franz Schütte, S.J., *Valignano's Mission Principles for Japan*, Volume I: *From His Appointment as Visitor until His First Departure from Japan (1573-1582)*. I Parte: *The Problem (1573-1580)*, St. Louis, The Institute of Jesuit Sources, 1980, Idem, *Valignano's Mission Principles for Japan*, Volume I: *From His Appointment as Visitor until His First Departure from Japan (1573-1582)*. II Parte: *The Solution (1580-1582)*, St. Louis, The Institute of Jesuit Sources, 1985.

4 V. M. Antoni J. Üçerler, *op. cit.*, p. 850-852. Para estas estatísticas, v. Josef Franz Schütte, *Introductio ad historiam Societatis Iesu in Iaponia, 1549-1650*, Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1968, p. 316-318; Idem, *Valignano's Mission Principles for Japan*, Volume I: *From His Appointment as Visitor until His First Departure from Japan (1573-1582)*. I Parte: *The Problem (1573-1580)*, St. Louis, The Institute of Jesuit Sources, 1980, p. 181 e 241; João Paulo Oliveira e Costa, *O Japão e o Cristianismo no Século XVI. Ensaio de História Luso-Nipónica*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.

5 V. Carta de Gaspar Vilela para o Geral, 3 de Novembro de 1571, Archivum Historicum Societatis Iesu (ARSI), Jap.Sin., 7-III, fol. 73v e carta de Francisco Cabral para o Geral, Kuchinotsu, 21 de Setembro de 1576, ARSI, Jap.Sin., 8-I, fol. 12.

6 "Sumario de 1580", in *Documenta Indica* (DI), Vol. XII (1580-1583), José Wicki, S.J. (ed.), Roma, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1972, p. 207-216 e Alessandro Valignano, *Sumario de las Casas de Japon (Sumario)*, José Luis Alvarez-Taladriz (ed.), Tóquio, Sophia University, 1954, p. 73.

como um corpo estranho à sociedade japonesa. Embora a conjuntura, especialmente na ilha de Kyushu, permitisse uma expansão do Cristianismo, a ausência de modos de enraizamento condenaria a presença cristã a longo prazo. Estas conclusões estão bem presentes na documentação enviada pelo Visitador após a primeira estadia no Japão. Neste contexto, em primeiro lugar, os missionários europeus não poderiam desvalorizar as práticas socioculturais japonesas: “por muy contrarias que sean las costumbres, ceremonias y sentidos de los japones a las nuestras de Europa, no se diga mal de ellas ni muestren los nuestros extrañarlas (...)”⁷.

Esta estratégia pensada pelo Visitador tomava forma através de uma reorientação do comportamento dos missionários, mas também através da criação de instituições pedagógicas e formativas. O resultado fora, em 1580, o estabelecimento de dois seminários em Azuchi (Maio) e Arima (Abril/Junho), um colégio para estudos superiores em Funai (Outubro) e um noviciado em Usuki (Dezembro). Por outro lado, Valignano deixara delineada a lógica de integração no *Cerimonial* e também no *Regimento para o Superior do Japão* (1580)⁸.

Instituições como estes seminários e colégios visavam criar uma aproximação entre o elemento evangelizador europeu e os neoconvertos japoneses.

Tomando o caso do seminário de Arima, esta atitude de tolerância visava também integrar os alunos numa estrutura que, nesta fase inicial da presença cristã, não deixava de representar uma realidade externa. Por isso Valignano afirma que, na medida do possível, determinados traços identitários europeus deveriam ser relativizados: “es necesario tratarlos conforme a su condición y a su modo, no los queriendo llevar por las condiciones y modos de proceder de Europa (...)”. Neste contexto, como Valignano deixa claro, o seminário deveria ser um espaço privilegiado para demonstrar uma aproximação dos elementos europeus aos neoconvertos. O Visitador refere: “para eso ayudará sobre todas las cosas mostrarles que sienten bien de Japón y de sus costumbres (...) porque con esto se alegran todos mucho, y con lo contrario se amohinan.”⁹

É nesta lógica de atuação que deve ser analisada a preparação da embaixada enviada à Europa: na perspetiva que o espaço do seminário é, antes de mais, um campo privilegiado de contacto cultural e de comunicação entre o elemento europeu e asiático. É neste contexto que a missão enviada em 1582 visa tornar mais eficaz a comunicação entre duas realidades culturais, para benefício da integração da missionação na sociedade japonesa.

7 Sumario, p. 201.

8 V. Alessandro Valignano, *Il Cerimoniale per i missionari del Giappone. Advertimentos e avisos acerca dos costumes e catangues de Jappão*, Josef Franz Schütte, S.J. (ed.), Roma, 1946, e *Regimento para el Superior de Japón*, ARSI, Jap.Sin, 49, fol. 552-557 e Jap. Sin. 8 – I, fol. 264-267v.

9 Sumario, p. 207-208.

Efetivamente, o modo como Valignano organiza esta missão, vai muito para além de uma representação diplomática. Esta embaixada será concebida como a solução para resolver os sérios problemas de comunicação que o Visitador constara. Em primeiro lugar, como se verá adiante, no que parecia uma incapacidade dos missionários europeus transmitirem determinado tipo de informação aos japoneses cristãos. Por outro lado, esta missão também procuraria tornar credível a informação colocada pela Companhia junto dos centros decisórios europeus, como a Santa Sé e a Coroa filipina.

2. Os conversos japoneses e a interiorização de um paradigma de superioridade europeia

Apesar de Valignano pugnar por esta atitude de tolerância, defendia igualmente que os alunos japoneses deviam ser orientados para uma aceitação das virtudes do Cristianismo e para aquilo que designava com um repúdio das falsidades da religião japonesa. Os alunos do seminário seriam ensinados por “libros que traten de buena materia de la virtud y religión cristiana y de abominar los vicios, escogiendo algunas obras en prosa y en verso de santos y autores cristianos que traten de esto, y componiendo otros de nuevo, a propósito de Japón, en que también se reprueben sus vicios y falsas sectas.”¹⁰ Após uma integração dos seminaristas japoneses nas estruturas jesuítas, estes deveriam ser sujeitos a um processo de gradual aceitação da Europa enquanto paradigma civilizacional superior. Para uma plena integração dos futuros clérigos japoneses, era fundamental que os alunos do seminário interiorizassem uma superioridade cristã europeia sobre a civilização japonesa. Somente esta transição cultural permitiria uma plena integração no catolicismo cristão.

Do mesmo modo, a aceitação deste paradigma revelava-se fundamental para a manutenção de uma unidade interna. Valignano, em 1583, escreve que os alunos do seminário “no tendrán ni podrán tener otros libros sino los que nosotros les daremos (...), para ser uniformes nel gobierno del pueblo y que no introduzen simonías en los sacramentos y otros abusos y supersticiones.”¹¹

Finalmente, esta interiorização de uma superioridade europeia era crucial para reforçar a autoridade da Companhia junto dos alunos do seminário. Como afirma Duarte de Sande, um dos jesuítas próximos de Valignano, os alunos japoneses deviam perceber “qual a causa por que os mesmos religiosos, enfrentando perigos gravíssimos, percorrem tantas terras, atravessam tantos mares, anunciando com empenho e entusiasmo a variadas gentes e povos o nome de Cristo.”¹²

10 *Sumario*, p. 171.

11 *Sumario*, p. 178-179.

12 Duarte de Sande, S.J., *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores japoneses à Curia Romana (De Missione)*, (Américo Costa Ramalho, prefácio, tradução e comentários), Macau, Fundação Oriente, 1997, p. 20. O presente artigo cita esta publicação, por ter sido

3. A embaixada como solução para o paradoxo de Valignano

Valignano encontra-se, assim, perante uma contradição na sua estratégia missionária. Para o enraizamento do Cristianismo e edificação de uma igreja nativa, era fundamental integrar os alunos japoneses numa lógica cristã ocidental. No entanto, este objetivo era dificultado pelo facto de o Visitador ordenar que, na formação dos seminaristas, não existisse uma atitude de desvalorização da cultura japonesa.

Por outro lado, havia a noção da falta de credibilidade de qualquer conhecimento sobre a Europa, pelo facto de ser comunicado pelos próprios jesuítas europeus. Afinal, os alunos japoneses, enquanto recetores de informação, absorviam um conceito de Europa meramente especulativo e abstrato, no qual o processo de experiência como formador do conhecimento estava completamente ausente.

A embaixada japonesa vai ser a solução encontrada por Valignano para resolver este paradoxo.

O Visitador jesuíta vai organizar esta missão diplomática em função da sua própria conceção do que é a transmissão de conhecimento. Para Valignano, a evocação da experiência e do conhecimento empírico de um determinado espaço é fundamental para a credibilização da informação transmitida.

É esta conceptualização que Valignano vai aplicar à embaixada japonesa.

Neste sentido, é possível compreender melhor a escolha dos embaixadores enviados para a Europa. Para além de serem parentes de senhores cristãos, a sua importância advém, igualmente, de serem alunos dos jesuítas¹³.

Pelo modo como a embaixada é organizada, o Visitador procurava que o conhecimento transmitido deixasse de ser subjetivo (porque já não é transmitido pelos jesuítas) e passasse a ser objetivo, porque experimentado pelos próprios alunos do seminário. Toda esta lógica de uma experiência direta está presente no que escreve o Padre Luís Fróis, colaborador de Valignano, quando afirma que é fundamental estes jovens japoneses serem enviados à Europa para que “como testemunhas de vista, as pudessem referir por extenso aos seus naturais, o que lhes seria mais aceite e indubitável, que recitado pelos mesmos padres da Europa, que são parte na mesma matéria.”¹⁴

utilizada como primeiro instrumento de trabalho. Todavia, posteriormente, foi publicada uma outra edição da obra, em versão bilingue latina/portuguesa: Duarte de Sande, *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*, II tomos, Américo da Costa Ramalho (prefácio, tradução e comentário), Sebastião Tavares de Pinho (estabelecimento do texto latino), Lisboa/Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra/Centro Científico e Cultural de Macau, I.P., 2009. V. Juan Gil, “Europa se presente a sí mesma: el tratado *De missione legatorum Iaponensium* de Duarte de Sande” in *O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Comemorativo dos 450 anos de amizade Portugal-Japão (1453-1993)*, Roberto Carneiro e A. Teodoro de Matos (org.), Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa/Instituto de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1994, p. 411-439.

13 V. J. F. Moran, *The Japanese and the Jesuits. Alessandro Valignano in sixteenth-century Japan*. Londres, Routledge, 1993, p. 12-13.

14 Luís Fróis, *Tratado dos Embaixadores Japões*, Rui Loureiro (org.), Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993, p. 15-16.

O próprio Valignano é muito claro nos seus objetivos quando escreve que

“entendiendo yo (...) por la grande openion, que tienen de sus cosas, no tienen tanto concepto de las nuestras ni creen tan facilmente lo que los Padres dicen de las grandezas de los Principes Ecclesiasticos, y Seglares de Europa (...) me pareció, que seria cossa acertada, y muy conviniente, yr algunos Cavalleros Principales Japones a ver las cossas de Europa, para que bolviendo a su tierra pudiessen dizir lo que con sus propios oyos vieron (...) y pudiessen dar dellos a sus naturales certissimo testimonio, y viniessen de raiz a entender, que las mas noble parte del mundo, y la mas docta tenia esta Santa fee.”¹⁵

4. Os embaixadores japoneses e uma experiência de Europa condicionada

Resolvido o problema do emissor de informação, Valignano vai preparar o tipo de conhecimento que deve ser absorvido pelos embaixadores japoneses.

Consequentemente, envia o Padre Diogo de Mesquita com os jovens embaixadores, com rígidas instruções sobre o tipo de receção que as cortes europeias deveriam fazer a esta missão diplomática.

Inseridos já numa estrutura católica, era necessário que os seminaristas comessem a relativizar os principais traços culturais japoneses, aproximando-se agora de características identitárias europeias. É neste contexto que Valignano escreve ao Geral da Companhia, com indicações sobre o modo como os embaixadores deveriam ser recebidos. Como se pode ler nas instruções do Visitador, era crucial que em todos os procedimentos das autoridades fosse possível interiorizar uma superioridade europeia: “procuré, que no fuessen recebidos con publico aparato (...), que los tratassen de tal manera, que ni los hisessen cobrir, ni assentar delante de si, ni los recibissen con publico aparato, ni les diessen casa (...) para que bolviendo ellos, y tratando del recibimiento, y honras, que les hisieron se entendiesse en Japon, quan grandes eran los Reyes, y Señores de Europa.” E acrescenta mais: “y por que yo sabia que era costumbre de las Cortes de Roma, y Espanha recibir los Embaxadores con publico aparato procuré que no se hisiessen con ellos, mas que fuessen recebidos como particulares personas; para que tambien con esto entendiesen la diferencia que havia en recibir Embaxadores de los Reyes de Europa, como de Reyes mayores, que los que embiavan a ellos.”

15 *Apologia en la qual se responde a diversas calumnias que se escrivieron contra los Padres de la Compañia de Japon y de la China (Apologia)*, Biblioteca da Ajuda, Jesuítas na Ásia, 49-IV-58, fol. 22v. Igualmente numa carta escrita por Valignano ao Geral em 1583, o Visitador jesuíta afirma a importância que um contacto directo dos embaixadores com a realidade europeia terá para o progresso da Companhia de Jesus no Japão: “con ver ellos la gloria de nuestra Iglesia y del Summo Pontífice y de sus Cardenales, y las grandezas y riquezas de las ciudades y señores de Europa, los niños se edificarán mucho y darán mucho lustre y reputación a nuestras cosas tornando a Japón.”, Carta de Alessandro Valignano para o Geral, Cochim, 28 de Setembro de 1583, DI, Vol. XII, p. 833.

A formação conceptual destes embaixadores/seminaristas seria menos complexa se fosse feita exclusivamente num plano teórico, como acontecia na sua formação no seminário de Arima. No entanto, como refere Valignano, seria menos eficaz. Para ser mais credível seria necessário uma experiência direta. O que implicaria mais riscos, pois a experiência seria pessoal e sem mediadores. É neste âmbito que o Visitador procura condicionar o ambiente vivido por estes embaixadores. Se o conhecimento agora vinha de um contacto direto, então toda a experiência da realidade deveria ser detalhadamente organizada. Por isso, era de toda a conveniência que os embaixadores fossem constantemente vigiados e permanecessem sempre em casas dos jesuítas. Valignano afirma que nunca se lhes deveria dar acolhimento “mas moravan siempre en las nuestras para le quitar la ocasion de Conversaciones escuzadas, y de saber muchas cosas, que saberlas podia causar poca idificacion, contandolas despues en Japon.”¹⁶

5. A embaixada e a definição do conhecimento do Japão na Europa

Mas a forma como o Visitador pensa esta embaixada vem resolver um outro problema de comunicação. Não apenas do Japão em relação à Europa, mas também da Europa em relação ao Japão.

Aplicando o seu conceito de experiência à organização desta embaixada, Valignano consegue que a Europa e o Japão tenham uma relação de conhecimento onde ambas as realidades funcionam simultaneamente como entidades cognoscentes e objetos de conhecimento.

Para o Visitador, era de extrema importância que a Europa absorvesse uma determinada ideia de Cristandade japonesa. Neste sentido, esta embaixada era também um modo de suprir um deficiente conhecimento sobre o Japão. Na perspectiva de Valignano, nas cartas e relatórios enviados à Europa “por mucho que se escriba no se puede bien dar a entender, y se ofrecen muchas dudas y réplicas a lo que se escribe, a los quales no pueden responder las cartas, y así quedan suspenças, dubdosas y mal percebidas muchas cosas.”¹⁷

A mesma lógica aplicada aos embaixadores japoneses era agora pensada para o processo de conhecimento dos poderes europeus: uma experiência direta, que tornasse credível a informação transmitida. Como o próprio Valignano dizia numa carta ao Geral Claudio Acquaviva: “Senza dubbio con i fanciulli (...) si faranno capaci delle qualita e cose che si avrano da fare con il Giappone.”¹⁸

Consequentemente, é fácil deduzir que Valignano, assim como pretendia que os embaixadores japoneses tivessem uma experiência de Europa condicionada,

¹⁶ Para estas três últimas citações: *Apologia*, fol. 23-23v.

¹⁷ Carta de Alessandro Valignano para o Geral, Cochim, 28 de Setembro de 1583, DI, Vol. XII, p. 831.

¹⁸ Carta de Alessandro Valignano para o Geral, Macau, 17 de Dezembro de 1582, ARSI, Jap.Sin., 9-I, fol. 118v.

também procurasse que este contacto da Santa Sé e da Coroa com a embaixada fosse determinado *a priori*.

Nas instruções transmitidas, Valignano afirmava que, mais do que representantes da nobreza cristã do Japão, os jovens embaixadores deviam ser apresentados como alunos do seminário de Arima, com o respetivo hábito de seminaristas. Desta forma, Valignano esperava que a Santa Sé tivesse a experiência de uma Cristandade japonesa perfeitamente enquadrada na evangelização jesuíta. Ainda que os *daimyo* tivessem enviado os embaixadores como seus representantes, o Visitador afirma que estes deviam ser apresentados como alunos do seminário: “Quanto al modo de embiar estos cavalleros, tan fuera estuvo de los Padres em darles titulos de Serenissimos Principes (...) que antes yo mismo escrevi, que aun que eran personas tan nobles, y parientes tan cercanos de los dichos Reyes, era a las primissas de Siminario de Japon ado se criavan, y nunca les di nombres de Principes ni de herderos de los Reyes.” Por isso, deviam ser apresentados “en habito del estudiantes con uno solo page cada uno.”¹⁹

Para o Visitador, esta embaixada deveria ter um impacto que permitisse condicionar a política da Coroa, mas sobretudo da Santa Sé, em relação ao Japão. É neste sentido que a valorização da experiência se torna no meio mais eficaz de credibilizar a informação sobre a missão, dado que a apreensão de conhecimento é feita diretamente pelas duas partes.

Assim, é possível concluir que o modo como Valignano estruturou a embaixada condicionou as opções do Papado em relação à missão japonesa, contribuindo para a manutenção do direito de exclusividade da Companhia de Jesus, consagrado através do breve *Ex pastoralis officio* (1585) de Gregório XIII.

6. O *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam*

Após o regresso dos embaixadores a Nagasaki, em Junho de 1590, faltava ainda adicionar um último capítulo a esta saga japonesa. Para que a informação transmitida fosse absorvida eficazmente pelos alunos do seminário, Valignano compõe um relato da viagem dos embaixadores a partir dos diários que estes escreveram, sobre a forma de diálogo entre os protagonistas. O texto é traduzido para Latim pelo Padre Duarte de Sande, sob o título de *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam* e impresso em 1590 em Macau, para leitura dos alunos do seminário²⁰.

19 *Apologia*, fol. 23.

20 Sobre a polémica em torno da atribuição da autoria do *De Missione* a Valignano ou Sande, v. prefácio de Américo da Costa Ramalho à edição de 1997 do *De Missione*, p. 9-17 e o artigo de J. F. Moran, “The real author of the *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam...Dialogus*. A Reconsideration” in *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, Vol. II, Junho de 2001, Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa, p. 7-21. A questão da autoria do *De Missione* tem de ser necessariamente enquadrada na produção cultural de Macau. Sobre esta temática, v. Luís Filipe Barreto, *Macau: Poder e Saber. Séculos XVI e XVII*, Lisboa, Editorial Presença, 2006, p. 353-364.

A este propósito, declara Valignano: “el fin para que se imprimió, fue para que se publicasse a los Japones, y por el estudiassen los que estavan en el Seminario, y tambien nuestros hermanos Japones, y con la lición del viniessen a beber como primera leche, las grandezas de la Corte Romana, y de los Reys, y Señores Christianos, y supiessen quanta es la grandeza, y nobleza de los Señores de Europa.”²¹ Como o Visitador referirá posteriormente, sem dúvida que com esta obra ficarão os seminaristas japoneses “más aptos para se domesticar en oyr y hablar de nuestras cosas”²².

Na sua organização interna, o *De Missione* divide-se em 34 colóquios, sob a forma de diálogos. Os intervenientes são Mâncio, Miguel, Martinho e Julião, que representam um conhecimento direto da realidade europeia. A sua experiência é interrogada por duas personagens, Leão e Lino, alunos do seminário. Deste modo, Valignano pretendia que a informação transmitida pelo *De Missione* fosse credível.

Neste contexto, a evocação da civilização chinesa, no colóquio 33, estrategicamente no final da obra, tem uma função determinante nesta imagem de superioridade europeia. Depois da evocação das qualidades do continente europeu, este capítulo permite analogias com a civilização chinesa, a grande referência no quadro civilizacional asiático. O objetivo é levar os seminaristas japoneses a concluir que a Europa se encontra num patamar civilizacional superior à China. No final da obra, Miguel acaba por concluir que: “Embora o reino da China seja muito celebrado em todo o Oriente, não há dúvida, todavia, que é muito inferior à mais ilustre parte do orbe da terra, a Europa”²³. O Visitador pretendia, assim, chegar à dedução necessária: como afirma uma das personagens, a grandeza da Europa deve-se “à religião cristã (...) que aperfeiçoa ao máximo a natureza humana” contribuindo para isso o facto da “universal cristandade reconhecer o Sumo Pontífice como seu supremo governante e príncipe.”²⁴

No seguimento da fundação dos seminários e colégios, em 1580, Valignano definia agora, no início da década de 90, o encerrar de um ciclo fundamental para a integração do Cristianismo no Japão. Após uma necessária aproximação a traços fundamentais da cultura japonesa, chegara o momento de integrar os conversos japoneses numa vivência cristã mais estruturada. Para tal, era necessário que a Europa católica fosse aceite como um paradigma civilizacional superior. Neste contexto, o *De Missione*, fechava a estratégia que, com esse propósito, tinha sido delineada com a embaixada de 1582.

21 *Apologia*, fol. 21-21v. Como refere Duarte de Sande: “decidiu o reverendo padre Alexandre Valignano, visitador de toda esta região oriental, que tudo o que estes jovens adolescentes tinham escrito a correr, fosse muito em breve ordenado e redigido em língua latina, para que os japoneses, estudiosos de latim, pudessem manusear assiduamente o livro composto sobre a embaixada. Este livro, traduzido posteriormente para japonês, podia ser lido com interesse pelos que não sabiam latim, e os dois livros, quer o latino, quer o japonês, uma vez impressos, seriam como um perpétuo tesouro e um agradável prontuário de coisas tão necessárias e úteis.” *De Missione*, p. 21.

22 Carta de Alessandro Valignano para Girolamo Piatti, Macau, 8 de Janeiro de 1593, ARSI, Jap.-Sin. 12-I, fol. 61.

23 *De Missione*, p. 343.

24 *De Missione*, p. 344 e 351.